

A PANDEMIA E O TRABALHO REMOTO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

PANDEMIC AND REMOTE WORK: AN EXPERIENCE REPORT

Jerusa Alves Cuty 1

Resumo: O presente trabalho aborda a realidade da Educação durante o distanciamento social, efeito da pandemia de Covid-19, envolvendo a visão da docência, através da atividade do ensino remoto e toda demanda de trabalho domiciliar do ensino privado. Na condição de tema de estudo continuado e vinculando-o a uma postura ética frente à instituição envolvida com esse problema, assim como outras que congregam dos mesmos itinerários, formou-se um corpus cujo recorte pudesse abranger o cotidiano da professora-pesquisadora envolvida na pesquisa. O intuito é a busca pela identificação de aspectos que possam estar relacionados à temática do trabalho remoto, com a eliminação dos equívocos com as modalidades do homeschooling ou com a Educação a Distância (EaD). Pretende-se mostrar como é mantido o vínculo com os estudantes, superando os desafios que o ambiente virtual possa apresentar, com softwares e plataformas digitais cada vez mais inovadoras, até então desconhecidas para muitos.

Palavras-chave: Pandemia. Trabalho Remoto. Vínculo Docente-Discentes.

Abstract: The present work addresses the reality of education during social distance, the effect of the Covid-19 pandemic, involving the teaching view, through the activity of remote education and all demand for home work from private education. As a subject of continuous study and linking it to an ethical posture towards the institution involved with this problem, as well as others that congregate in the same itineraries, a corpus was formed whose cut could cover the daily life of the teacher-researcher involved in the research. The aim is the search for the identification of aspects that maybe related to the theme of remote work, with the elimination of misunderstandings with the modalities of homeschooling or Distance Education (EaD). It is intended to show how the link with students is maintained, overcoming the challenges that the virtual environment may present, with increasingly innovative software and digital platforms, until then unknown to many.

Keywords: Pandemic.. Remote Work. Teacher-Student Bond.

Introdução

Frente à realidade em que cada sujeito foi levado a participar, devido à pandemia da Covid-19 e ao avanço do novo SARS-Cov-2, ou coronavírus, gestores, professores e estudantes, independentemente do nível de ensino, desafiam-se, diariamente, a criar novas estratégias para manter a Educação Básica e a universitária em ação, sem perdas tão grandes ao longo do ano letivo de 2020. Mais do que nunca, as tecnologias da educação (TE) são as ferramentas dos profissionais e dos estudantes para aproximar cada indivíduo, para manter os vínculos, para mediar o conhecimento, para dar suporte aos estudos e para avaliar os alunos.

Com essa forma peculiar de ensino que se configura em um período excepcional, o professor não tem mais a lousa, o giz ou as canetas como os principais instrumentos de trabalho. Esses foram substituídos, em sua maioria, pela tela do computador e pelos *softwares* disponíveis para levar aos seus alunos o conteúdo previsto no currículo de cada instituição de ensino. Assim, em poucas semanas, senão dias, cada docente teve de aprender a manusear algumas tecnologias que, talvez, não fossem tão comuns em sua atividade na sala de aula. Por conseguinte, a sala de aula física, espaço de interação e de socialização, mudou para uma equipe em reunião na *live* do professor, conforme alguma plataforma, deixando o ensino centrado apenas para a figura do(a) professor(a), com alunos ouvintes, os quais interagem escrevendo em um *chat* ou, raramente, ligam o seu microfone e conversam com quem está na sua tela.

Nessa reconstrução do novo método de dar aula, as perdas ou os retrocessos têm sido visíveis no que se refere ao protagonismo dos alunos. Retomando o que tínhamos até três semanas da divulgação do problema mundial:

O ensino é uma atividade prática que se propõe dirigir as trocas educativas para orientar num sentido determinado as influências que se exercem sobre as novas gerações. Compreender a vida da sala de aula é um requisito necessário para evitar a arbitrariedade na intervenção. Mas nesta atividade, como noutras práticas sociais [...] não se pode evitar o compromisso com a ação, a dimensão projetiva e normativa deste âmbito do conhecimento e atuação (SACRISTÁN; PÉREZ GÓMEZ, 2007, p. 81).

Nessas posições impostas pelo espaço na *web*, o docente atento ainda precisa compreender a vida da sua nova sala de aula, *on-line*, tentando interpretar as peculiaridades de cada turma e de cada um dos seus estudantes. Surgem novas formas de ser, de comunicar, bem como novos modos de relação social são estabelecidos. Cada professor(a) continua tendo de diagnosticar a situação de aprendizagem de seus alunos, avaliando as trocas feitas, inclusive os silêncios e os trabalhos não entregues, os quais também trazem significados.

Sabemos que os docentes não são meros técnicos que aplicam um currículo e desenvolvem o conteúdo em que se especializaram na licenciatura escolhida durante a graduação. Esses profissionais são sujeitos multifacetados que desenvolvem estratégias de comunicação e ensino sempre pensando na qualidade da Educação. Sabem que não terão uma turma homogênea. Percebem que cada estudante constrói a sua forma de aprendizado, desenvolvendo certas trocas com o docente no espaço e no tempo que lhes for oferecido. Neste momento, o espaço virtual e o tempo estipulado para uma aula remota.

Acessar de maneira relevante essa nova realidade que se impõe no ensino, como um todo, requer do docente uma atitude heurística, multidisciplinar, a qual busca as chaves que caracterizam uma sala de aula, espaço em que o estudante chegue de uma forma e saia de outra, com algum aprendizado construído. Portanto, os desafios têm sido diários para todos os envolvidos com uma Educação de qualidade, pelo menos, com a tentativa de manter um ensino com a melhor qualidade possível no quadro atual.

A qualidade do ensino e os desafios da educação

A experiência vivida por docentes e discentes, de quaisquer níveis de ensino, no momento dessa calamidade pública e sanitária em que vivemos mundialmente, tem demonstrado que não há apenas um paradigma a ser buscado, bem como não há perfeição no que tem sido oferecido, por mais bem equipada que seja a instituição de ensino. Por conseguinte, busca-se, nas palavras de alguns pensadores, o que temos nessa trama de múltiplos olhares.

Em primeiro lugar, é preciso considerar que o ensino, como toda prática social, contingente a circunstâncias históricas e espaciais determinadas, encontra-se penetrado por opções de valor e, portanto, é preciso identificar sua qualidade nos valores intrínsecos que se desenvolvem na própria atividade, na própria configuração que adquire a própria prática, e não aos fins externos aos quais serve (SACRISTÁN; PÉREZ GÓMEZ, 2007, p. 89).

Nessa nova realidade de aula *on-line* ou remota, o professor tem a oportunidade de repensar a sua prática pedagógica, planejando-a ainda mais antes de concretizá-la e de fazê-la funcionar. Dessa forma, surgem três considerações: I) identificar as condições em que se realizam as aulas, as quais têm um caráter determinado pelo professor; II) vincular o currículo a ser cumprido, dentro de um conjunto de planos de aulas previamente estipulados; III) diagnosticar os grupos de alunos com características distintas com quem o docente interage, os quais serão avaliados por esse profissional, conforme escolhas técnicas planejadas, claras e coerentes com o que está sendo alvo do estudo.

A fim de pensar no primeiro aspecto, que envolve as condições em que se realizam as aulas, é necessário salientar que existe todo um ambiente virtual disponibilizado pela escola privada, o que possibilita aos docentes criarem as condições de as aulas remotas serem efetivas semanalmente. Para tanto, é necessário conhecer os conceitos fundamentais da Educação mediada pelo digital, com a inclusão das tecnologias digitais (TD) e redes de comunicação também digitais (RCD), as quais vêm assumindo papel crucial no rompimento de práticas cotidianas dos professores em sua ação presencial na escola.

Vem à tona, por conseguinte, algumas indagações que envolvem a inabilidade no manejo das ferramentas tecnológicas por parte de muitos docentes e as adaptações não instantâneas que se percorrem. Para dar sentido a essa possível discussão, Tardif (2002, p. 175) afirma que “não basta apenas o conhecimento do conteúdo da área de formação do professor, tal conhecimento é necessário, mas não o suficiente, e não garante a competência dos professores”. Um novo caminho de aprendizagem faz-se necessário.

Sob a ótica de compreender as formas de manter o contato com cada turma e levar adiante o ensino do ano letivo, cada profissional da educação teve de debruçar-se com tutoriais que pudessem elucidar o que seria possível desenvolver com as tecnologias disponíveis para manter a continuidade do trabalho com seus alunos e mantendo o calendário escolar. Em relação a esse aspecto, evidencia-se em Alves (2018) a realidade de cada professor

[...] um grande desafio para os docentes atuais em participarem de um processo de mudança tão grande, no qual de um lado, uma grande parcela dos alunos nasce e cresce em contato constante com o meio digital, através de seus *tablets* e *smartphones*, por exemplo, e do outro lado, docentes que já se atentavam com suas diversas atividades, agora tendo que repensar novas possibilidades mediante a conjuntura das novas tecnologias. E não falamos apenas do esforço em conhecer o uso de um novo dispositivo, ou ambiente virtual, aplicativo etc., mas sim, pensarmos em como colocar isso em prática e de maneira com que o processo de ensino-

aprendizagem alcance seus objetivos (ALVES, 2018, p. 27).

Nessa perspectiva, Sacristán e Pérez Gómez (2007, p. 90) afirmam que “a aquisição e a elaboração do conhecimento no aprendiz é um processo de construção subjetiva, não uma cópia passiva da realidade”. Portanto, em relação ao segundo aspecto que envolve a realidade da aula remota, o docente é um mediador ou facilitador da aprendizagem, mas a qualidade do ensino mantém-se graças ao vínculo criado com o sujeito-aprendiz que deseja ampliar os conteúdos do currículo que lhes são apresentados, em um processo enriquecedor de autonomia e de trocas, com diferentes modos de se apropriar dos conhecimentos em uma aprendizagem multifacetada, isto é, com os modelos já conhecidos, em consonância com as novas tecnologias.

Para os discentes, por conseguinte, a rotina de aprendizagem pode ser mantida, dentro do que já estão acostumados a buscar na rede mundial de computadores. Ela pode ser um passo a mais dentro de um cotidiano digitalizado e com novas ações no mundo educacional de suas vidas conectadas. Em contraponto, para os docentes, os protagonistas dessa nova forma de aprendizado, há uma série de novas demandas com as quais têm de lidar, bem como as rotinas de vida também alteradas para todos, independentemente de região atingida pela pandemia.

Não resta dúvida de que a rede mundial de computadores favorece um universo de informações em larga escala. Porém, para a aprendizagem formal, o primeiro desafio, nesse momento de pandemia, é integrar as várias ferramentas tecnológicas com os currículos escolares. Surge, então, a mediação encarnada pelo professor, sujeito capaz de filtrar o que será útil nos *links* e *hiperlinks* das tramas da rede que vão sendo criadas. Soma-se, também, o argumento de autoridade sobre o *ciberespaço*¹, em Lévy (1999, p. 95), pois o “novo meio tem a vocação de colocar em sinergia e interfacear todos os dispositivos de criação de informação, de gravação, de comunicação e de simulação”, demonstrando, também, a conhecida atuação multifacetada do profissional da Educação. Assim, para entender os desafios enfrentados no cotidiano do ensino atual, podemos retomar as seguintes palavras:

O pensamento entra pela porta da percepção e sai pela porta da ação deliberada. Portanto, alimentar pensamentos capazes de descobrir o que a realidade, por mais nefasta que pareça, também apresenta de positivo e promissor é uma maneira de agir no mundo de modo a contribuir para que seu lado razoável cresça e prevaleça. Embora o cinismo e a melancolia nos rondem, não é possível viver sem apostar no porvir, principalmente quando estamos cercados de jovens cuja esperança não pode ser perdida (SANTAELLA, 2013, p. 22).

Nos processos de ensino e aprendizagem desse novo trajeto que está sendo descoberto pelos docentes nesse momento excepcional, a Educação ainda cumpre os compromissos sociais que já tinha: levar a qualquer corpo discente a diversidade de ideias que são expostas em múltiplos contextos, conhecendo suas metas e orientando a um caminho de muitas possibilidades de aprendizados. O paradigma da aprendizagem já vinha sendo quebrado, como um segundo desafio posto em evidência, visto que, como aborda Santaella (2013, p. 297) “a educação *on-line* ou os ambientes virtuais de aprendizagem, definidos pela sigla AVA, mais genericamente conhecidos como *e-learning*, são conceitos que já apareciam nas décadas de 1970 e 1980.”

A aprendizagem com os dispositivos móveis se insinuava em outros momentos, graças aos aplicativos (*Apps*) e aos ambientes propícios para o ensino e a aprendizagem de estudantes nos diferentes níveis, através de *sites*, *fóruns*, *chats*, jogos educacionais. O período da pandemia tem se mostrado, assim, propício para expandir a *aprendizagem ubíqua*², para a Web oferecer uma

1 Na obra homônima de Lévy, *ciberespaço* é tratado como espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.

2 A aprendizagem ubíqua dá-se através da coordenação de dispositivos inteligentes, móveis e estacionários,

conectividade, adaptabilidade e acesso à informação em qualquer espaço ou tempo. Assim, em estudo sobre a comunicação ubíqua,

De fato, é em razão da ubiquidade computacional que não lhe cabe mais o nome de educação a distância, pois um dos aspectos mais primordiais das mídias digitais encontra-se na abolição da distância e na paradoxal simultaneidade da presença e ausência, [...] Portanto, a esse modelo educacional adequam-se muito mais as expressões “educação *on-line*” ou ambientes virtuais de aprendizagem [...] Não levou muito tempo para que os processos se incrementassem com Web conferências, desenho instrucional, plataformas de ensino-aprendizagem que tiram proveito da interatividade [...] (SANTAELLA, 2013, p. 297).

Através dessa nova forma de ensinar, pensando no terceiro aspecto que envolve a aula remota e os diferentes grupos de alunos com características distintas, cada docente pode, mais do que nunca, deparar-se com novas ferramentas para criar mecanismos de avaliação e de comprovação de que houve avanço por parte de cada estudante nos tópicos que estão sendo trabalhados pelo professor. Em contrapartida, há estudantes que mantêm perfis displicentes, com pouca ou nenhuma participação, sem desculpa plausível, como o não acesso à internet ou aos dispositivos móveis e aos aplicativos educacionais utilizados. Provavelmente, a mesma atitude que teriam nas aulas presenciais.

Com esse aprendizado em ambientes virtuais, deu-se maior flexibilidade em relação ao local da prática dessa atividade, com uma necessidade de instantaneidade que se opõe às práticas de leitura de um bom livro, por exemplo, tendo em vista os equipamentos móveis e a rapidez das redes sem fio que levam a conexão para todos os cantos, o que potencializa o ensino. No entanto, é bom lembrar o processo complexo que envolve a aprendizagem, trazendo à tona os outros desafios da educação nesse momento de trabalho remoto. Como reforça Santaella (2013, p. 289) “[...] envolve fatores sensório-motores, neurológicos, afetivos, emocionais, linguísticos, cognitivos, comportamentais e interacionais”.

Desse modo, o professor continua sendo o profissional que procura estabelecer o vínculo entre cada um desses fatores, em uma busca constante de oferecer, da forma mais didática e ampla possível, o que precisa ter como metas curriculares. Por conseguinte, não temos uma Educação a Distância, visto que os professores não podem ser identificados como tutores, em um ensino estruturado para ser realizado em módulos ou etapas, mas continuam sendo os coordenadores dos arranjos feitos nas plataformas de ensino-aprendizagem disponíveis no presente, sem uma separação temporal.

Para conceituar de maneira plena o que tem sido a aprendizagem no atual momento de distanciamento social ao qual todos estamos imersos, é importante entender que

Nessa modalidade, o ensino presencial físico (mesmos cursos, currículo, metodologias e práticas pedagógicas) é transposto para os meios digitais, em rede. O processo é centrado no conteúdo, que é ministrado pelo mesmo professor da aula presencial física. Embora haja um distanciamento geográfico, privilegia-se o compartilhamento de um mesmo tempo, ou seja, a aula ocorre num tempo síncrono, seguindo princípios do ensino presencial. A comunicação é predominantemente bidirecional, do tipo um para muitos, no qual o professor protagoniza vídeo-aula ou realiza uma aula expositiva por

meio de sistemas de *webconferência*. Dessa forma, a presença física do professor e do aluno no espaço da sala de aula geográfica são substituídas por uma presença digital numa sala de aula digital. No ensino remoto ou aula remota, o foco está nas informações e nas formas de transmissão dessas informações. A lógica que predomina é a do controle, tudo o que é concebido e disponibilizado é registrado, gravado e pode ser acessado e revisto posteriormente (MOREIRA; SCHLEMMER. 2020, p. 9)

Na sistemática de aula remota que temos, a intenção é fornecer acesso temporário e rápido, durante o momento de emergência ou crise sanitária vivida. No entanto, não se consegue o ecossistema robusto de uma escola e as ricas trocas interpessoais de uma sala de aula. Nesse momento tão atípico, de tantos aprendizados pessoais e profissionais, outro desafio do professor em seu trabalho de aula remota é conseguir que ela funcione. A fluidez das informações, bem como o envolvimento dos estudantes, para que os conteúdos sejam absorvidos com alguma eficácia, são as metas de cada docente nesse momento desafiador da Covid-19.

Os profissionais da educação também têm retomado, talvez não intencionalmente, o modelo de aprendizado centrado no(a) professor(a), com os seus inconvenientes e paradoxos. Isso se dá devido à maneira de planejar a intervenção, de reagir frente às exigências previstas, de avaliar o comportamento dos estudantes em uma sala de aula virtual, com as suas equipes ou turmas, definidas como participantes, os quais raramente interagem no *chat*, mantêm seus microfones mudos e não aparecem em suas *webcams*. Desse modo, o aspecto mais importante dentro desse modelo é a atuação e a socialização do professor no tempo estipulado para um período de aula.

Evidencia-se ainda mais, no contexto atual, o discurso de que

Não há estilos docentes nem comportamentos concretos válidos e transferíveis universalmente; por isso, de pouco ou nada serve a aprendizagem mecânica dos mesmos e sua reprodução automática posterior. A base da eficácia docente encontra-se no pensamento do professor(a) capaz de interpretar e diagnosticar cada situação singular e de elaborar, experimentar e avaliar estratégias de intervenção (SACRISTÁN; PÉREZ GÓMEZ, 2007, p. 74).

Algumas questões subjacentes surgem ao docente no transcorrer da interlocução com os discentes: a) todos os estudantes, realmente, estão focados na transmissão do conteúdo no momento em que se dá a aula remota?; b) o contexto em que se encontra o aluno é propício para o processo cognitivo em que está envolvido?; c) o estudante processa ativamente as informações que lhes são transmitidas em um encontro virtual?; d) em que medida os comportamentos de omissão ou de silenciamento podem determinar sentimentos complexos e mutantes como em uma aula presencial?

Para responder a essas dúvidas que perpassam o cotidiano do trabalho de um docente em tempos de pandemia, cada sujeito-professor precisa dar-se por conta que é um mediador do ambiente virtual. O espaço do ensino torna-se colaborativo e inclusivo à medida que os demais sujeitos demonstram integração, confiança e empatia, fazendo comentários sobre o material visual utilizado, como uma apresentação, ou um vídeo, para uma discussão sobre um assunto pertinente em aula.

A troca de informações a partir do ensino no ambiente virtual pode surgir como um grande intercâmbio entre o professor e os seus alunos, bem como pode ser uma via de mão única, em que o docente apenas repassa o conteúdo previsto no currículo da instituição à qual está vinculado. A vida desse espaço de interação aparece condicionada por duas estruturas, uma existente graças às tarefas domiciliares; outra, graças à estrutura de socialização nesse espaço, mesmo que seja tímida. Porém, o docente ainda assim terá seus questionamentos recorrentes sobre como o aprendizado

efetivamente está acontecendo, se tem ocorrido de modo significativo e proveitoso. Ou se tem sido apenas uma ação de mera formalidade.

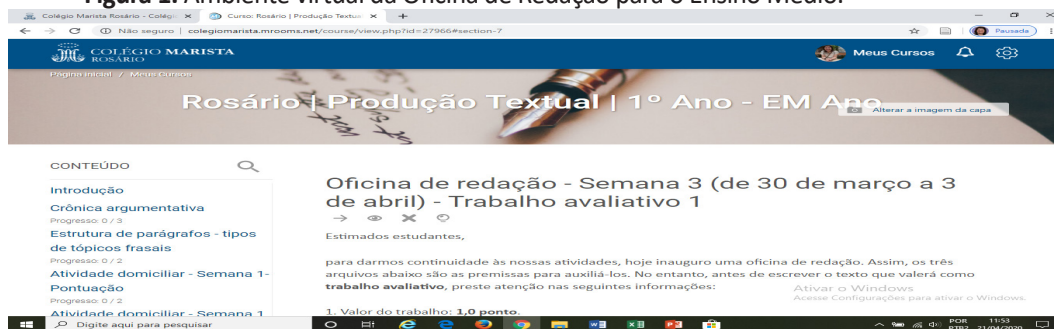
O panorama vivido na Educação Básica: um relato de experiência

Deparar-se com mudanças que nos são impostas e assimilá-las nem sempre é tão rápido. No entanto, após uma manhã de trabalho normal, entrando e saindo da sala de aula de cada uma das turmas do Ensino Médio, fui levada a uma outra realidade através do pronunciamento da direção: as aulas presenciais seriam suspensas, por duas semanas até aquele momento, em função da pandemia da Covid-19, a qual já estava se alastrando no Brasil, além das perdas já causadas pelo mundo. O estranhamento não foi apenas meu, mas também dos demais colegas de profissão e dos estudantes, que achavam que a doença estava distante e os portões de sua escola não seriam afetados bruscamente.

É importante ressaltar também a normatização lançada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), através da portaria número 343, de 17 de março de 2020, a qual permitiu a substituição das aulas presenciais nas instituições de ensino do país, por aulas que favoreçam os meios e as tecnologias de informação e de comunicação. Segundo o MEC, a portaria surgiu para não prejudicar o andamento do ano letivo, em qualquer nível, bem como os currículos das instituições. Com ela, pretendia-se ter um ensino remoto emergencial, de quinze ou vinte dias, conforme o que fosse repassado pelos protocolos do Ministério da Saúde.

Assim, na primeira e na segunda semanas, a preparação de atividades domiciliares e a postagem no ambiente *Moodle* foi uma ação tranquila e um tanto corriqueira, tendo em vista que estava acostumada a lançar arquivos de estudos complementares para os estudantes poderem acessar remotamente. Dessa forma, o conteúdo programático foi sendo exposto com a teoria, seguida de arquivos de exercícios contendo o gabarito das questões, buscando, nesse plano de trabalho, dar o número de atividades referentes à carga horária semanal de cada componente curricular.

Figura 1. Ambiente virtual da Oficina de Redação para o Ensino Médio.



Fonte: Plataforma Moodle (2020)

No entanto, o quadro da doença se espalhava em outros estados e surgiu o decreto do governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, estendendo o distanciamento social para a metade de abril. Com isso, a direção da escola e a coordenação pedagógica, com reuniões *online*, deram à equipe de professores a orientação de preparar aulas remotas, por *lives* – encontros em tempo real com os estudantes através de uma plataforma do Office 365, chamada *Teams*, ou dando a opção dos docentes gravarem e postarem videoaulas no *Moodle*. Outros docentes, em um primeiro momento, ainda postavam em redes sociais, a exemplo de *Youtube*, *Facebook* ou *Instagram*, explicando os conteúdos programáticos já acordados nos planos de estudos propostos para o primeiro trimestre do ano letivo de 2020. É importante ressaltar que muito dessa dinâmica funcionou graças à maturidade dos alunos das séries do Ensino Médio.

Nessa nova realidade, além das atividades domiciliares que continuaram sendo postadas nos tópicos de cada semana de afastamento, ainda precisamos aprender a ferramenta desse novo espaço de interação com os estudantes. O suporte de afastamento, com o auxílio do responsável técnico da TE, bem como os tutoriais com os passos para entendermos esse novo canal de

comunicação, com as possíveis configurações, o número de integrantes que podem ingressar na sala, os *chats* para a escrita dos alunos e dos próprios professores, a gravação das aulas; enfim, os meios para chegarmos a atingir o maior número de estudantes foram essenciais para conseguirmos colocar em prática, em um curto período de dias, essa nova sala de aula virtual.

Os horários e dias de aula de cada turma foram mantidos, com a frequência dos alunos e os conteúdos desenvolvidos nos encontros semanais, sendo informados, pelo docente, na plataforma que contém o diário de classe. As condutas já adotadas foram associadas a esse novo contexto de aula remota, traduzindo aos estudantes e às famílias que a escola respeita os contratos firmados e desenvolve um trabalho o mais claro e coerente dentro de suas diretrizes, conforme o que é possível atualmente.

No entanto, na perspectiva educacional vigente, percebo, pelos depoimentos de outros colegas e da minha experiência atual, que o modelo de aula remota traz um inconveniente discutido em anos anteriores por vários estudiosos em Educação, ele está centrado no docente. Nesse novo arranjo, temos, pois, algumas nuances que determinam a fluidez da informação e que podem demonstrar a natureza dessa metodologia retomada de anos anteriores.

Figura 2. Papéis do vínculo docente-discentes.



Fonte: CUTY (2020)

Com essa nova realidade em que estamos imersos, cada docente é um(a) apresentador(a) de uma reunião – termos usados na plataforma *Teams* -, comunicando os conteúdos que são planejados semanalmente, com escassas considerações por parte do grupo de estudantes, os quais se sentem confortáveis nessa dinâmica, pois não há interferências ou indisciplina no momento da aula remota. A forma peculiar de ensino nesse distanciamento domiciliar não pode ser igualada à EaD, tendo em vista que não existem tutores, como já citado, nem mesmo ao *homeschooling*, visto que, como diz Ferraro (2020),

Os estudantes não estão sendo escolarizados em casa, mas passando uma temporada estudando em seus domicílios. Suas aprendizagens continuam dirigidas pelos currículos das instituições formais de educação [...] Currículos estes que seguem documentos que orientam as políticas educacionais estabelecidas para o país, como é o caso da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na educação básica (FERRARO, 2020, p.16).

O docente que vive esse momento na educação nacional, muito provavelmente mundial, não pode conhecer, compreender e interpretar todas as peculiaridades e características de cada estudante, já que não pode vê-los atuando sincronicamente no encontro que mantém remotamente. Mudam os modos de interação entre docente e discente e mudam, também, as expectativas criadas por cada profissional da educação.

São necessárias muitas variáveis que podem levar o aluno a não participar das aulas remotas. Entre as principais: ter apenas um computador em casa, o qual é dividido com outros familiares; estar sobrecarregado com todas as atividades domiciliares dos demais componentes curriculares, sem

saber o que priorizar, sem saber cumprir os prazos estipulados; não saber ingressar na plataforma oferecida e não manusear os *softwares* disponibilizados, mesmo sendo um nativo digital.

Mesmo com esse perfil dos estudantes no ambiente virtual, uma vez que as aprendizagens só se materializam mediante um conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação, os profissionais da educação precisam ultrapassar essa dificuldade e assegurar um aprendizado essencial. Une-se a essa constatação, também, a preocupação com as competências gerais da BNCC (Base Nacional Curricular), entre as quais o quinto tópico, o qual trata sobre a cultura digital

Utilizar tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas (BNCC, 2017, p. 18).

Com essa competência, vislumbra-se que os estudantes poderiam apropriar-se do conhecimento de forma crítica e criativa, recusando a superficialidade, reportando-os a um pensamento científico, à diversidade cultural, à comunicação e caracterizando o seu modo de ser e proceder no mundo, inclusive o virtual. No entanto, a constituição do significado do que é tratado em cada encontro semanal, durante as aulas remotas, tem sido dada por mim, como professora, deixando de lado o protagonismo esperado na convivência presencial de uma sala de aula.

Por conseguinte, como docente, tendo essa nova comunicação com minhas turmas, preciso repensar o processo de ensino-aprendizagem que já conhecia. Não são mais os produtos observáveis e as atitudes de cada aluno que podem me propiciar um acompanhamento processual contínuo do ensino. Essa seria uma visão míope e desarticulada do que todos nós vivemos na fase da pandemia. A Educação precisa ser pensada nos valores intrínsecos que se desenvolvem, nas novas formas de socialização *on-line*, no terreno acidentado da tecnologia, o qual está sendo transposto, com erros e acertos, buscando sempre dar significado ao ensino.

Em relação às avaliações, previstas no currículo escolar, cada um tenta fornecer os dados construídos pelos estudantes em relação aos conteúdos programáticos vistos nos poucos encontros presenciais e nos encontros *on-line*. Para cada um deles, está sendo proposta a correção na plataforma *Moodle*, atribuída uma nota e oferecido um *feedback* individualizado em um plantão. Pareceu-me ser essa uma ponte para surgir uma outra forma de aproximação, o que trouxe bons resultados em um diálogo com a fala aberta nas *webcans* de cada interlocutor.

Somente com o objetivo de ilustrar o trabalho remoto dos profissionais da educação privada de Porto Alegre, quis narrar e descrever como tem sido a realidade atual. A organização desse novo arranjo de ensino dá-se, para alguns, de forma muito agradável; para outros, precária, pensando nas escolas que não disponibilizam uma plataforma de trabalho síncrono com os estudantes. Por isso, os problemas advindos dessa prática ainda precisam ser sanados e analisados, a fim de propiciar uma educação de qualidade, dentro do que é possível.

Considerações parciais

Traduzir o momento profissional dos docentes frente às aulas remotas advindas com uma pandemia requer uma reflexão sobre o que é prioridade para cada docente e como o seu trabalho será reconhecido passada essa crise sanitária. Particularmente, acredito que deva envolver um aprendizado significativo e proveitoso para as duas partes unidas pela tela do computador: docentes e discentes. O desafio inicial do uso das novas tecnologias disponíveis nas plataformas das grandes empresas de *softwares*, já tendo sido transposto, ainda se soma a dois novos desafios: não deixar monótona a transmissão do conteúdo programático de cada componente curricular, bem como não oprimir o docente, o qual fica mais horas envolvido com o trabalho remoto.

A atuação multifacetada de cada profissional da educação quando está inserido em uma sala de aula sempre deveria ser aplaudida, posto que cada sujeito-professor precisa demonstrar o domínio do conteúdo programático estipulado no currículo escolar, bem como precisa espelhar os traços de um eficiente comunicador, administrador, psicólogo, pesquisador e, em muitos

momentos, ator. Todas essas e outras são as faces que enriquecem cada docente, que precisariam lhe dar um *status* social de reconhecimento premente.

Na realidade das aulas remotas, ocasionadas por esse momento tão excepcional e repleto de perdas humanas, o docente agrega aos papéis que faziam parte da sua atuação o de apresentador de uma *live*, ou para outros, um *youtuber*. No entanto, sem o *glamour* dado aos artistas em qualquer mídia social. Se ele for eficiente, será construído o vínculo educacional que ele tanto deseja. Caso não o consiga, será visto como um ineficiente usuário do ambiente digital, que não sabe inovar e criar novos métodos de ensinar.

Somado a esse perfil multifacetado, há também a constante atualização com os novos *softwares* e aplicativos que possam ser úteis nas aulas remotas. A lista pode ser enorme e, certamente, muito proveitosa, como *Flipgrid*, para os *podcasts* dos estudantes ou mesmo para um fórum de argumentação entre os estudantes; as salas de entrega, para a postagem dos trabalhos avaliativos; o *One Note* ou bloco de notas, para o envio de atividades domiciliares, entre outras ferramentas do mundo digital que podem se somar. Todas elas, porém, exigem muito mais preparação e dedicação do docente.

Nesse itinerário, o horário de trabalho presencial fica duplicado em muitos momentos, pois, a fim de deixar as aulas atrativas, o docente buscará preencher suas lacunas de conhecimentos tecnológicos e fará todos os cursos ou *webinars* que lhe forem propostos. Surge, assim, uma dualidade na ação desse sujeito, ao mesmo tempo que os novos conhecimentos podem lhe abrir novos horizontes, a dedicação ao trabalho torna-se quase ininterrupta. Essa ambivalência de visões pode extenuá-lo em um primeiro momento, até que ele possa criar formas de qualificar o seu dia a dia de trabalho e saiba distanciar-se das tarefas profissionais.

A tecnologia disruptiva modifica, portanto, a relação profissional do docente. Cada sujeito-professor, e eu me exponho aqui tentando relatar a outros colegas de profissão o que tenho vivido e ouvido outros dizerem em seus depoimentos informais, está criando um novo papel, entre aqueles já comuns em nosso cotidiano. Estamos pensando em nosso futuro, não apenas nas aulas presenciais, mas também no ensino híbrido, o qual, bem provável, deverá fazer parte das atividades que serão agregadas no fazer pedagógico de cada escola.

No entanto, são necessárias novas articulações para pensar no professor e na sua valorização. A sociedade precisa assumir uma posição mais humilde em relação aos docentes, sem tratá-los como uma simples mão-de-obra. São profissionais qualificados, em constante busca de aprimoramento, adaptáveis a qualquer situação, inclusive uma impensada pandemia intermitente.

Sem argumentos enganosos, apenas lanço uma realidade que talvez forneça novos questionamentos aos colegas de docência, que demonstrem a reciprocidade de ideias sobre o que estamos vislumbrando. É preciso planejar um futuro de trabalho sem tantas exigências direcionadas apenas aos professores, visto que o processo educativo surte um efeito mais proveitoso quando há uma visão que congrega dos mesmos objetivos, com a união de docentes e discentes.

O ensino precisou dar uma resposta muito rápida em um momento tão duro para a humanidade. A inovação das aulas remotas ainda não são o encontro perfeito que cada professor gostaria de ter com seus alunos, mas podem ser descritas como um ambiente promissor, o qual evita a perda dos conteúdos curriculares e do vínculo entre docentes e discentes. No entanto, as questões subjacentes sobre a docência que forem sendo formuladas ao longo desse ano letivo ainda precisarão ser discutidas com profundidade em outros momentos.

Referências

ALVES, Leonardo Meireles. **Gamificação na educação: aplicando metodologias de jogos no ambiente educacional**. Joinville: Clube dos Autores, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. (2017). **Base Nacional Comum Curricular: 3ª versão**. Brasília: DF. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 6 jun. 2020.

BRASIL, Portaria Nº 343, de 17 de março de 2020. **Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus –**

COVID – 19. Brasília: DF. Diário Oficial da União. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>>. Acesso em: 4 abr. 2020.

FERRARO, José Luis. **A pandemia e o *homeschooling***. Matinal News. Porto Alegre, 17 abr. 2020. Disponível em: https://matinal.news/jose-luis-ferraro-a-pandemia-e-o-homeschooling/?mc_cid=5ac6314e3f&mc_eid=8862cd1295. Acesso em: 21 abr. 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MOREIRA, José António; SCHLEMMER, Elaine. **Por um novo conceito e paradigma de educação digital *oflife***. Revista UFG, v. 20, 2020.

SACRISTÁN, J. Gimeno; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

Recebido em 26 de junho de 2020.

Aceito em 13 de outubro de 2021.